

## NOVOS ELEMENTOS SOBRE O MEGALITISMO DA SERRA DA ABOBOREIRA (BAIÃO)

Vitor Oliveira Jorge (\*)  
com a colaboração de  
Susana Oliveira Jorge (\*), Isabel Figueiral (\*\*),  
G. Delibrias e M. Fontugne (\*\*\*),  
Peixoto Cabral e Monge Soares (\*\*\*\*)

### 1 - TRABALHOS EFECTUADOS EM AGOSTO DE 1989 (1)

Em 1989, e na sequência de uma exposição sobre o estado dos monumentos megalíticos da Serra da Aboboreira feita por um dos signatários ao I. P. P. C. - S. R. A. Z. N. - (V. O. J.), este Instituto decidiu criar as condições técnicas e financeiras indispensáveis ao início de um processo de protecção e valorização dos monumentos. Nomeou uma equipa (2) que, após reunião havida na Câmara Municipal de Baião e em que esta se comprometeu a apoiar os trabalhos, decidiu empreender as acções seguintes:

#### 1. *Dólmen de Chã de Parada 1*

- a) limpeza dos esteios com gravuras;
- b) cobertura dos blocos de cimento colocados em 1987, por forma a não «ferir» a estética do monumento, até à realização de novas escavações e remoção dos referidos blocos;
- c) alteamento da mamoa na zona oeste, de modo a atingir o nível do topo dos esteios da câmara, por forma a melhor proteger esta dos agentes erosivos.

#### 2. *Dólmen de Chã de Parada 3*

- a) deslocação dos esteios com pinturas para a vila de Baião;
- b) cobertura das áreas abertas pelas escavações de 1982/83.

#### 3. *Dólmen de Meninas do Castro 3*

- a) desvio do estradão que destruiu parte da mamoa;
- b) reconstrução da parte da mamoa amputada pelo mencionado estradão.

#### 4. *Outras acções*

- a) Edição de um desdobrável explicativo dos trabalhos de 1989;
- b) Construção de um «abrigo de pas tores» em Chã de Parada, para impedir a continuação da tradicional prática de se acenderem fogueiras no interior da câmara do monumento n.º 1, o que tem danificado fortemente as respectivas gravuras.

As acções 1. a), b) e c), 2. b) e 4. a) foram efectivamente concretizadas.

\* Instituto de Arqueologia da F. L. U. P.

\*\* Bolseira do Governo Francês.

\*\*\* Centre des Faibles Radioactivités, Gif sur Yvette (França).

\*\*\*\* I. C. E. N. - L. N. E. T. I. (Sacavém)

(1) Colaboraram nestes trabalhos o Dr. António da Silva Pereira, arqueólogo da equipa do Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira, e os elementos da direcção do G.E.A.P. Carla Stockler Nunes e José Manuel Varela.

(2) Coordenada, por parte do I. P. P. C., pelo Dr. Orlando de Sousa.

Quanto a nós, como elementos responsáveis pelas escavações arqueológicas da Aboboreira, cumpria-nos uma tarefa bem específica: recolher, em áreas intervencionadas de monumentos que iam, ou irão num futuro próximo, ser cobertas pelas acções de conservação, as amostras necessárias às análises laboratoriais que se impõem para determinação da cronologia das mamoaas e do meio-ambiente em que foram construídas. Passamos pois a enumerar o que se fez <sup>(3)</sup>:

#### *Dólmen de Chã de Parada 3*

a) limpeza do corte oeste da sanja norte, para leitura estratigráfica;

b) abertura de uma pequena sondagem, que afectou o quadrado E8 e, parcialmente (metade leste), o E9, com o fim de se recolher carvões (datações C14 e análises antracológicas) e sedimentos (análises sedimentológicas e, se possível, palinológicas).

A estratigrafia verificada (Est. II - 1) revelou-se mais complexa do que a observada nas escavações de 1982/83, uma vez que o nível subjacente ao monumento (solo antigo, aqui considerado como camada 4) se pôde subdividir em:

a) terras de cor castanho escura, com carvões. Apresentavam em E8, e junto ao contraforte, algumas pedras, que talvez pertencessem a estrutura anterior ao monumento. Tais pedras ocorreram sob a camada 3 (saibro depositado pela construção), não sendo pois verosímil que fizessem parte do referido contraforte;

b) terras de cor castanho clara, amarelada;

c) terras de cor castanho escura, também com carvões. Pequenos blocos de quartzo ocorrem neste nível, de forma esparsa, tal como já havia acontecido no solo antigo de Chã de Parada 1 (escavações de 1987); devem considerar-se como de origem natural.

Os materiais encontrados foram:

- 4 fragmentos cerâmicos, de pequenas dimensões, sem decoração (3 no E9, 1 no E8; camada 4a, ou seja, topo do solo antigo);

- 1 pequena lasca residual, em quartzo hialino passando a leitoso (E8, camada 4a);

- 1 lamela em sílex, sem retoques (E9, terras da mamoa - camada 2 - peneiração). É de secção triangular e tem as seguintes dimensões máx: comp. - 3,9 cm; larg. - 1,1 cm; esp. - 0,5 cm (Est. IV - 1).

#### *Dólmen de Outeiro de Ante 1*

Tratando-se de um monumento, aparentemente, do mesmo tipo genérico do de Chã de Parada 3, e indo ser coberta, em 1990, a única sanja aberta pelas escavações que ainda não foi tapada com terras (vala leste), decidiu-se efectuar algumas observações e recolhas nesta mamoa. Ei-las:

a) limpeza do corte norte da sanja, no troço correspondente ao G8;

b) abertura de uma pequena sondagem no mesmo quadrado, com c. de 70 cm de comp. (ou seja, no sentido S-N) por 2m de largo (isto é, a extensão total do quadrado no sentido W-E);

c) abertura de pequena sondagem no H6, a qual deparou de imediato com o espesso contraforte da câmara, devendo ser concluída em 1990.

A sondagem do G8 detectou uma estratigrafia (Est. II - 2) que, não sendo dissonante em relação à observada nas escavações de 1981, permitiu no entanto algumas precisões no que toca aos níveis de base do (subjacentes ao) monumento. De notar que tais níveis não são exactamente iguais em todos os pontos escavados da mamoa. Assim, e no que poderemos designar, neste corte, camada 3, temos:

a) terras negras com carvões;

b) terras castanho escuras, com carvões;

b') terras castanhas, com aspecto saibro;

c) terras negras, com carvões;

c') terras negras, com carvões, mas de textura muito fina;

d) terras acastanhadas. Estão separadas de c' por um nível pouco espesso de areia granítica, e de c por pequenas pedras. É possível que este nível d) corresponda a terras dos interstícios da rocha de base, muito alterada, e nesse caso o «solo antigo» propriamente dito seria constituído pelos níveis

<sup>(3)</sup> Trabalhos de campo dirigidos por S. O. J., dada a indisponibilidade do primeiro signatário.

a, b, c, b' e c'. Trata-se de uma hipótese a testar nas sondagens do próximo ano.

**Materiais encontrados:**

- 1 micrólito geométrico, em sílex - crescente (G8, terras da área afectada por violações).

Dimensões: comp. - 1,6 cm; larg. - 0,6 cm; esp. - 0,2 cm. Lembremos que este monumento revelou seis micrólitos na base da câmara, três dos quais crescentes, embora de maiores dimensões do que o presente exemplar (Est. IV - 2).

- 1 pequeno seixo rolado de xisto negro (mesma proveniência). Recordemos que as escavações de 1981 revelaram centenas destes seixos de xisto, que com toda a probabilidade fizeram parte de um primitivo piso da câmara.

- 1 vestígio botânico carbonizado (mesma proveniência). Submetido à apreciação do Eng.<sup>o</sup> Pinto da Silva (Est. Agron. Nac.), foi por este assim caracterizado: «Corpúsculo esférico, achatado nos pólos que são deprimidos-perfurados, medindo c. de 8-9 x 6 mm, de circuito equatorial circular-ligonal. Superfície lisa, quase baça. Trata-se, sem dúvida, de um pseudo-bolbo de *Arrhenatherum elatius* ssp. *bulbosum*.» (4)

- 1 fragmento de quartzo leitoso, residual (H6, terras muito finas, acastanhadas, caracterizadas na nossa publicação deste monumento como «de tipo limo» - fig. 6, camada 5).

- 1 lamela fragmentada de sílex negro, sem retoques, com secção triangular (encontrada no chão, sem contexto, junto do corte do H6).

**2 - DADOS ANTRACOLÓGICOS PARA AS MAMOAS 1 E 4 DE CHÃ DE PARADA**

Isabel Figueiral, que em França conclui neste momento o seu doutoramento em Antropologia (5), comunicou-nos os resultados das análises que efectuou relativamente a carvões recolhidos durante as escavações de 1987 nas duas mamoadas em epígrafe (vide quadros - Est. V). A proveniência das amostras é a seguinte:

**Chã de Parada 1**

camada 2: amostras 12, 18, 20, 21 e 25;

camada 3: amostra 15;

camada 5: amostra 29;

transição entre as cam. 5 e 7:

amostra 16;

camada 7: amostra 19;

base, revolvida, da câmara dolménica: amostra 38.

Verifica-se que, em todos os níveis, o panorama das espécies presentes é relativamente homogéneo; ou seja, fundamentalmente, leguminosas, giestas, *Quercus* de folha caduca e carvalho alvarinho (c. 2'); as mesmas excepto a última nas c. 3 e 5; e também *Quercus* e leguminosas no nível 7.

**Chã de Parada 4**

Camada 3: amostras 3, 6, 12, 14 e 16;

camada 4: amostras 4 e 8.

Ambas as lareiras possuem *Quercus* de folha caduca e carvalho alvarinho, havendo, além disso, madressilva e sobreiro na lareira W (amostras 3 e 14) e clematite na lareira N (amostra 19). No mesmo nível 3, mas já no exterior das referidas lareiras, ocorre o carvalho negral. Leguminosas, *Quercus* de folha caduca, giesta, carvalho negral, clematite e sobreiro estão presentes na camada 4, correspondente ao solo antigo, de que a camada 3 é o topo (parecendo esta relacionada com uma queima da vegetação prévia à construção da mamoadas).

Estes dados serão retomados, desde um ponto de vista paleobotânico, no contexto de um trabalho de-conjunto de I. Figueiral e J.-L. Vernet.

**3 - DATAS DE RADIOCARBONO PARA CHÃ DE PARADA 1**

Possui-se neste momento mais quatro datas para o monumento em causa, uma obtida no laboratório francês de Gif sur Yvette (6), as outras três no laboratório do LNETI (7).

Apresentá-las-emos aqui segundo uma ordem arbitrária.

(4) Agradecemos a este investigador a sua colaboração.

(5) No Laboratório de Paleobotânica da Universidade de Montpellier, sob a direcção do Prof. J.-L. Vernet. Agradecemos a esta investigadora do C. A. S. A. os elementos que nos remeteu, bem como diversos esclarecimentos adicionais.

(6) Agradecemos a colaboração deste laboratório, nas pessoas de G. Delibrias e M. Fontugne.

(7) Ao Doutor Peixoto Cabral, e Eng.<sup>o</sup> Monge Soares, deste laboratório, exprimimos o nosso reconhecimento pela sua colaboração, bem como ao I. P. P. C., que custeou as análises.

**Amostra 1**

Carvões provenientes da D7, sob as pedras da «estrutura de fecho», a 1m de profundidade (em relação à superfície do solo); recolhidos no corte E-W, Camada 7 (solo antigo enterrado sob o *tumulus*).

Resultado: 4.635 ± 100 anos B.P.

2.685 ± 100 anos a. C.

Calibração (seg. Pazdur e Michczynska, *Radiocarbon*, 1989): 3.625 - 3.062 B. C. (intervalo de confiança 95% - 2 sigmas).

Referência do laboratório: GIF - 7873.

**Amostra 2**

Carvões provenientes do D7, à profundidade de 1,30 m. Camada 7 (solo antigo).

Resultado: 4.880 ± 50 anos B. P.

2.930 ± 50 anos a. C.

Calibração: seg. o laboratório, «ao calibrar a data obtida utilizando a curva de Pearson *et al.* (*Radiocarbon*, 28 (2B), 1986, pp. 911-934), obtêm-se a intersecção em 3.693 cal AC e os seguintes intervalos: para 1 sigma: 3.774-3.754 cal AC; 3.705-3.637 cal AC. Para 2 sigma: 3.780 - 3.620 cal AC; 3.575-3531 cal AC.»

Referência do laboratório: ICEN-407.

**Amostra 3**

Carvões provenientes do E7, à profundidade de 1,25-1,35 m. Base de camada 5, em contacto com o topo do solo antigo.

Resultado: 4.180 ± 110 anos B.P.

2.230 ± 110 anos a.C.

Calibração: seg. o laboratório, «ao calibrar a data obtida utilizando a curva de Pearson *et al.* obtêm-se intersecções em 2.875, 2.778, 2.715 e 2.706 cal AC e os seguintes intervalos: para 1 sigma: 2.910-2.590 cal AC; para 2 sigma: 3.030-2.470 cal AC.»

Referência do laboratório: ICEN-408.

**Amostra 4**

Carvões provenientes do C7, à profundidade de 1,07 m. Base da camada 4, na periferia do monumento.

Resultado: 4.130 ± 45 anos B.P.

2.180 ± 45 anos a.C.

Calibração: seg. o laboratório, «ao calibrar a data obtida utilizando a curva de Pearson *et al.* obtêm-se intersecções em 2.862, 2.814, 2.738, 2.728, 2.695, 2.679, 2.665 e 2.630 cal AC e os seguintes intervalos: para 1 sigma: 2.874-2.851 cal AC; 2.832-2.802 cal AC; 2.778-2.716 cal AC; 2.705-2.653 cal AC; 2.646-2.613 cal AC; para 2 sigma: 2.887-2.793 cal AC; 2.787-2.578 cal AC.»

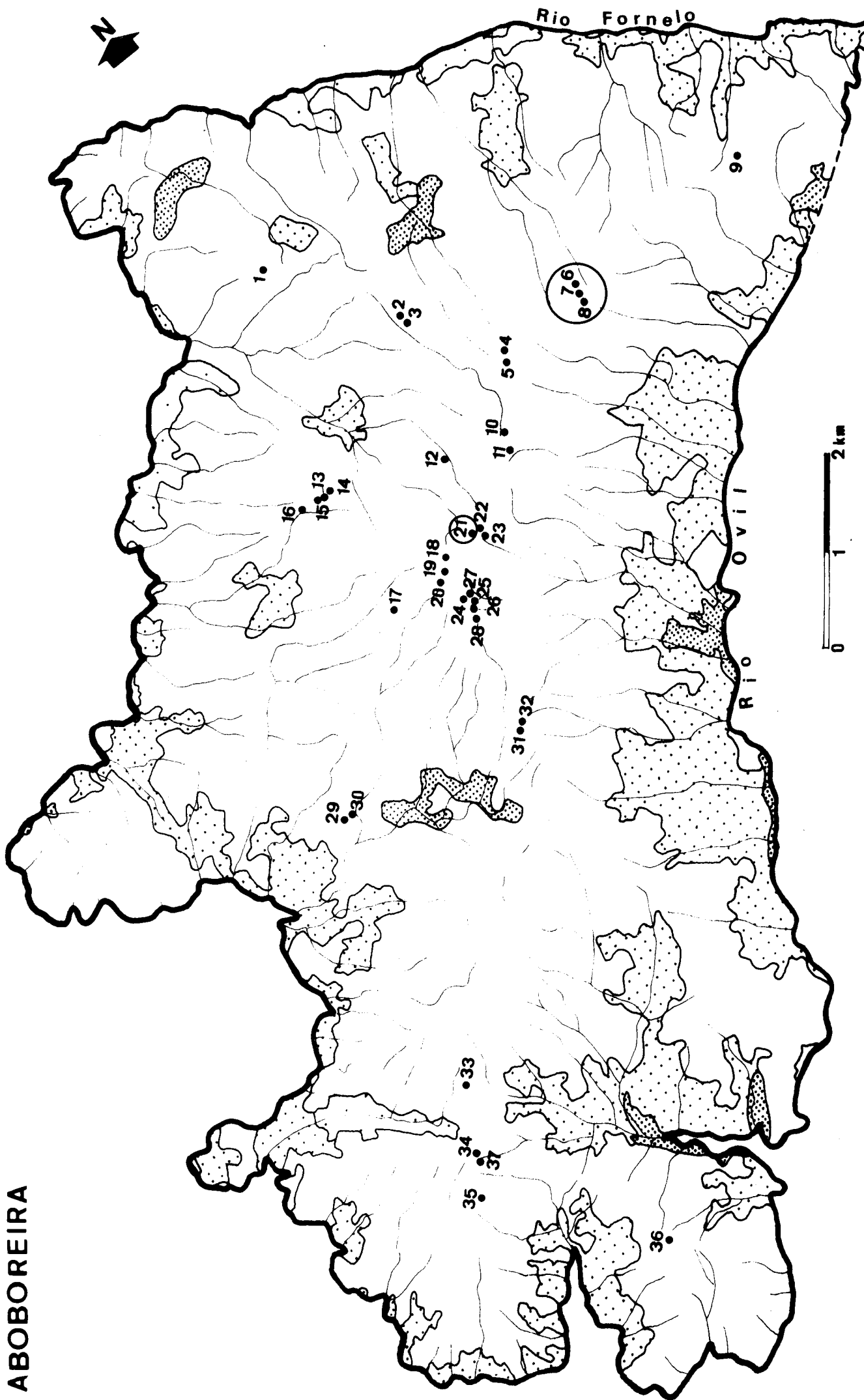
Ref. do laboratório: ICEN-409

As duas primeiras datas, correspondentes à primeira metade do III.º milénio a. C., vêm reforçar a ideia de que o dólmen de corredor de Chã de Parada I terá sido erigido durante essa época genérica. Para tal apontavam já as datas publicadas ICEN-172 (2.950 ± 260 anos a. C.) e ICEN-173 (2.660 ± 45 a. C.). Fica obviamente em suspenso um apuramento mais preciso da época de construção, pois cada uma dessas datas mais não é do que um *terminus post quem* para o monumento; apuramento esse que será, todavia, sempre muito difícil, uma vez que é praticamente impossível, neste caso, assegurar que determinada amostra de carvão corresponde exactamente ao momento da referida construção. Quanto às datas de 2.230 a. C. e de 2.180 a. C. (respectivamente ICEN-408 e ICEN-409) dizem sem dúvida respeito a fases de utilização do dólmen, utilização essa que deve ter ocorrido ao longo de todo o III.º milénio a. C.; o mesmo já acontecia com a data Gif-7672 (1.990 ± 80 anos a. C.), anteriormente divulgada.

**BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL**

- JORGE, V. O - Escavação da Mamoa 1 de Outeiro de Ante. Serra da Aboboreira, Baião, *Setúbal Arqueológica*, 1980/81, vols. VI-VII.
- JORGE, V. O. e MOREIRA, M. - Escavação da Mamoa 4 de Chã de Parada (Baião, 1987), *Arqueologia*, 1987, vol. 16.
- JORGE, V. O. e BETTENCOURT, A. M. - Sondagens arqueológicas na Mamoa 1 de Chã de Parada (Baião, 1987), *Arqueologia*, 1988, vol. 17.
- SILVA, F. A. P. - Escavação da Mamoa 3 de Chã de Parada - Serra da Aboboreira, Concelho de Baião, 1982-83, *Arqueologia*, 1985, vol. 11.

# ABOBOREIRA



Est. I

Mapa do conjunto megalfítico da Serra da Aboboreira, com indicação das mamosas referidas nesta nota (assinaladas por círculos):  
21-Outeiro de Ante I; 6, 7 e 8 - Chã de Parada I, 3 e 4, respectivamente.

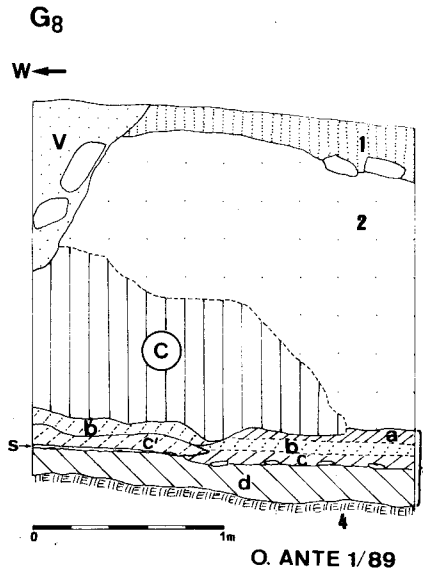
## Chã de Parada 1

<b>Amostras</b>	12	15	16	18	19	20	21	25	29	38
<b>Taxons</b>										
<i>Erica arborea</i>	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-
<i>Erica sp.</i>	3	-	-	-	-	-	-	-	1	-
Leguminosae ind.	40	7	1	15	1	3	3	14	3	29
<i>Quercus f.c.</i>	13	10	-	4	2	6	5	5	5	-
<i>Q. ped./sessil.</i>	6	1	1	3	-	2	-	8	2	-
<i>Q. pyrenaica</i>	-	-	-	1	-	-	1	3	-	-
<i>Quercus sp.</i>	1	1	1	-	1	1	-	-	2	-
<i>Selix sp.</i>	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Sarothamnus sp.</i>	26	2	-	8	-	2	4	13	7	11
<i>Sorbus sp.</i>	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Sorbus sp./Crataegus sp.</i>	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Indetermináveis	-	2	-	-	-	-	-	1	-	-
<b>Total</b>	<b>91</b>	<b>24</b>	<b>3</b>	<b>31</b>	<b>4</b>	<b>14</b>	<b>13</b>	<b>48</b>	<b>20</b>	<b>40</b>

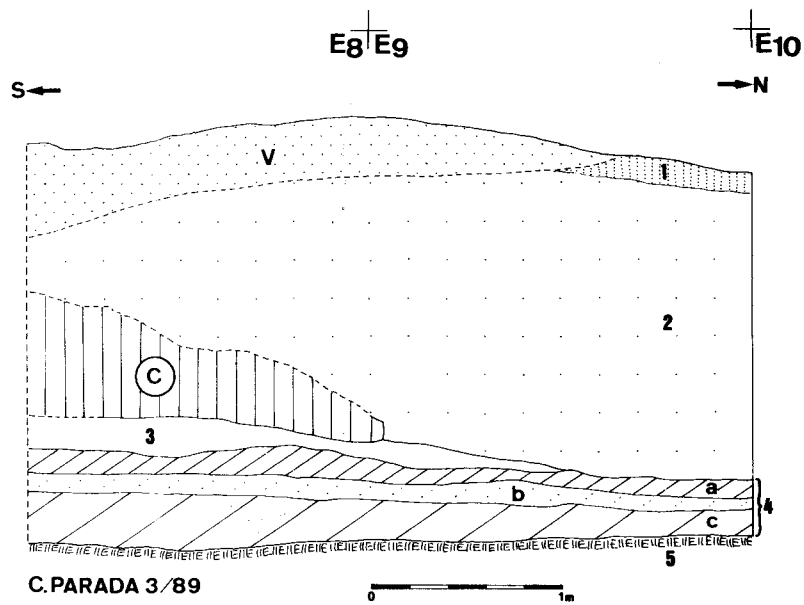
## Chã de Parada 4

<b>Amostras</b>	3	4	6	8	12	14	19
<b>Taxons</b>							
<i>Clematis cf. vitalba</i>	6	-	-	6	4	-	15
<i>Frangula alnus</i>	1	-	-	-	-	1	-
Leguminosae ind.	-	2	5	1	-	1	-
<i>Lonicera sp.</i>	19	-	-	-	-	-	-
<i>Q.f.c.</i>	38	2	6	2	3	23	35
<i>Q. ped./sessil.</i>	15	-	7	-	-	27	23
<i>Q. pyrenaica</i>	4	-	-	11	3	2	-
<i>Q. suber</i>	5	-	-	2	-	10	-
<i>Quercus sp.</i>	-	-	1	1	-	1	-
<i>Sarothamnus sp.</i>	-	2	2	-	-	5	-
Indetermináveis	2	-	-	-	-	-	-
<b>Total</b>	<b>90</b>	<b>6</b>	<b>21</b>	<b>21</b>	<b>10</b>	<b>70</b>	<b>73</b>

Quadros das espécies detectadas pelo método antracológico em Chã de Parada 1 e 4, respectivamente (seg. Isabel Figueiral).

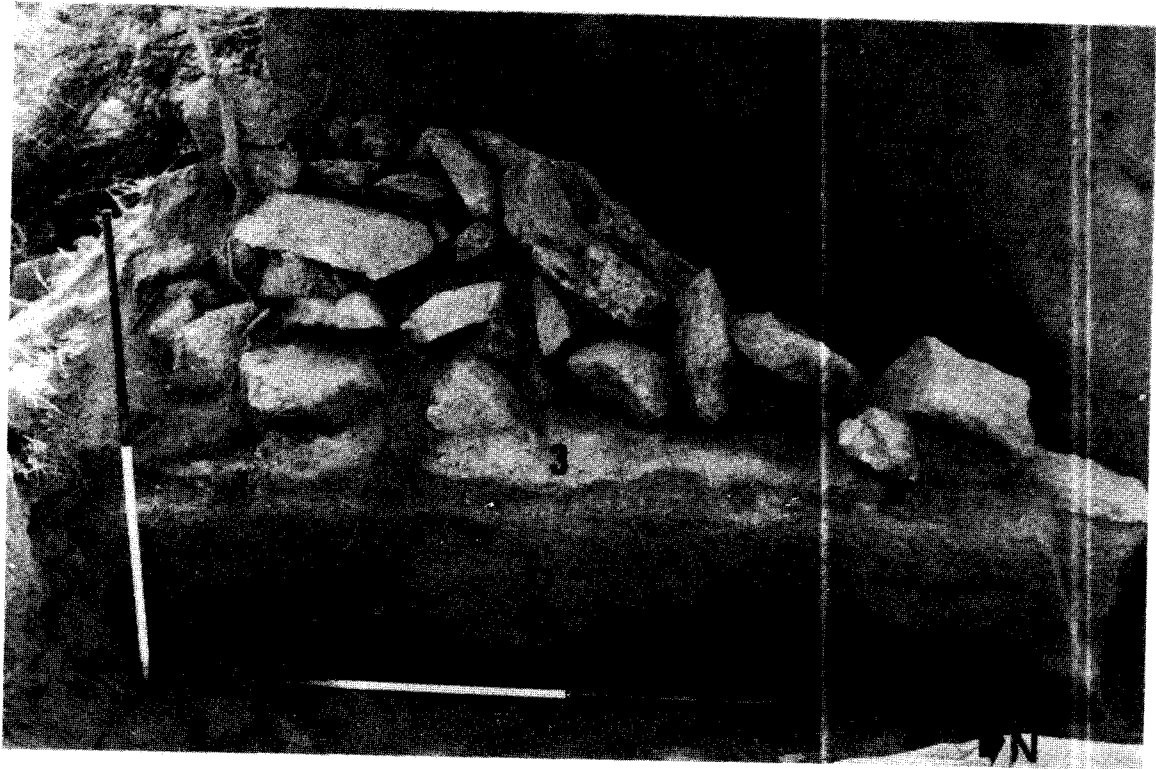


1.

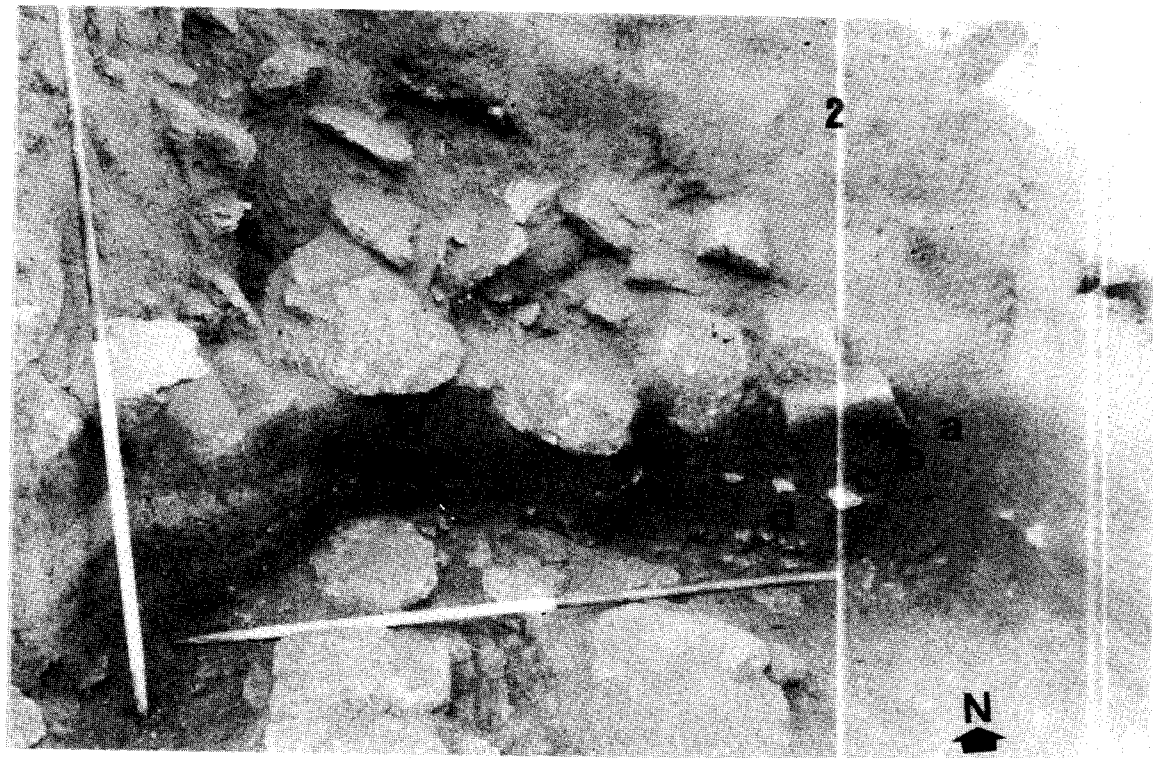


2.

- 1 - Estratigrafia observada em Chã de Parada 3 (ver texto).
- 2 - Estratigrafia observada em Outeiro de Ante 1 (ver texto).
- V - área perturbada por violações; C - Contraforte.



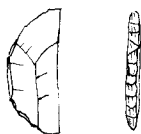
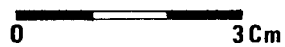
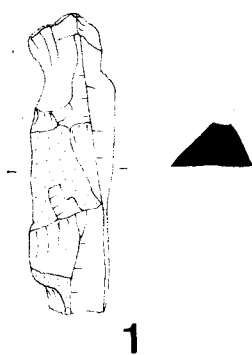
1.



2.

- 1 - Detalhe da estratigrafia sob o contraforte de Chã de Parada 3.
- 2 - Detalhe da estratigrafia sob o contraforte de Outeiro de Ante 1.





- 1** - Lamela encontrada em Chã de Parada 3.  
**2** - Crescente exumado em Outeiro de Ante 1.

